



ESCUITA PSICOLÓGICA SENSÍVEL E ACOLHIMENTO NO CUIDADO DE MÃES DE CRIANÇAS COM AUTISMO: UM OLHAR SOBRE AS VIVÊNCIAS MATERNAS

SENSITIVE PSYCHOLOGICAL LISTENING AND CARE IN MOTHERS OF CHILDREN WITH AUTISM: A LOOK INTO MATERNAL EXPERIENCES

Erika Nayane Martins Marinho   Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Rio Grande do Norte, Brasil.

Ana Cláudia da Silva   Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande
do Norte, Brasil.

MirllY De Souza Ferreira   Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio
Grande do Norte, Brasil.

 **Revista
Práxis em Saúde**

Ano III | Volume III | n II | Florianópolis | 2025 | ISSN: 2966-1056
DOI: <https://doi.org/10.56579/prxis.v3i2.2425>

ESCUA PSICOLÓGICA SENSÍVEL E ACOLHIMENTO NO CUIDADO DE MÃES DE CRIANÇAS COM AUTISMO: UM OLHAR SOBRE AS VIVÊNCIAS MATERNA***SENSITIVE PSYCHOLOGICAL LISTENING AND CARE IN MOTHERS OF CHILDREN WITH AUTISM: A LOOK INTO MATERNAL EXPERIENCES***Erika Nayane Martins Marinho¹Ana Cláudia da Silva²Mirly De Souza Ferreira³

Resumo: O cuidado psicológico de mães de crianças com autismo requer uma abordagem sensível, que considere suas experiências emocionais, sobrecargas e desafios cotidianos. Essas mulheres enfrentam não apenas a complexidade do diagnóstico e das demandas do cuidado com a criança, mas também altos níveis de estresse e exaustão emocional, agravados pela ausência de suporte institucional e pela divisão desigual das tarefas parentais. Frequentemente, assumem sozinhas essa responsabilidade, o que intensifica a sobrecarga física e psicológica. Esse cenário é atravessado por construções sociais da maternidade, como o “dispositivo materno”, conceito de Valeska Zanello que naturaliza a mulher como cuidadora principal, apagando suas necessidades subjetivas. Nesse contexto, a escuta psicológica surge como ferramenta fundamental de acolhimento. Inspirada nas contribuições de Carl Rogers, a escuta empática permite o reconhecimento de emoções e conflitos muitas vezes silenciados. Por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa, este estudo reforça a importância de práticas clínicas que valorizem a complexidade das vivências maternas no contexto do Transtorno do Espectro Autista, considerando os marcadores de gênero e promovendo um cuidado centrado na subjetividade e na validação emocional dessas mulheres.

Palavras-chave: Maternidade atípica; Transtorno do Espectro Autista; Escuta psicológica; Gênero e cuidado.

Abstract: The psychological care of mothers of children with autism requires a sensitive approach that considers their emotional experiences, daily challenges, and overload. These women face not only the complexity of the diagnosis and the demands of caring for their children but also high levels of stress and emotional exhaustion, often worsened by a lack of institutional support and the unequal distribution of parental responsibilities. Frequently, they assume full responsibility for care, which intensifies their physical and psychological burden. This scenario is influenced by social constructs of motherhood, such as the “maternal device” described by Valeska Zanello, which naturalizes the woman as the primary caregiver, often silencing her subjective needs. In this context, psychological listening emerges as a fundamental tool for offering support. Based on Carl Rogers’ contributions, empathic listening enables the recognition of emotions and internal conflicts that are often unspoken. Through a qualitative literature review, this study highlights the importance of clinical practices that value the complexity of maternal experiences in the context of Autism Spectrum Disorder, considering gender dynamics and promoting care centered on subjectivity and emotional validation.

Keywords: Atypical motherhood; Autism Spectrum Disorder; Psychological listening; Gender and caregiving.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: nayane.marinho.708@ufrn.edu.br

² Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: anaclaudiasilva800@gmail.com

³ Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é docente do curso de Psicologia nas Faculdades Anhanguera e Via Sapiens. Desenvolve pesquisas nas áreas de Psicologia Clínica e do Trabalho. E-mail: psicologiasdosul@gmail.com

INTRODUÇÃO

O cuidado psicológico de mães de crianças com autismo demanda uma abordagem cuidadosa e sensível às suas experiências emocionais e psicológicas. As exigências da maternidade, somadas às particularidades da criação de uma criança com autismo, frequentemente resultam em desafios complexos que podem impactar o bem-estar e a saúde mental dessas mulheres.

Um ponto fundamental a ser discutido diz respeito à sobrecarga e ao estresse vivenciados pelas mães na busca por condições mais dignas de vida para seus filhos. Desde a complexa trajetória que leva ao diagnóstico, até o período subsequente, os desafios envolvem o acompanhamento multiprofissional, o acesso a medicamentos, a busca por exames e por auxílio nas atividades diárias da criança. A responsabilidade pelo cuidado muitas vezes está atrelada à impossibilidade de inserção dessas mulheres no mercado de trabalho. Além disso, muitas dessas mães também têm a responsabilidade de administrar suas residências, conciliando diversas funções simultaneamente, o que impacta na impossibilidade de autocuidado (Tinoco *et al.*, 2022).

Nesse contexto, torna-se necessária uma reflexão crítica sobre a construção histórica da maternidade como um destino natural da mulher. A partir do conceito de dispositivo materno, desenvolvido por Valeska Zanello (2018), compreende-se que o papel materno foi moldado por vieses culturais, políticos e científicos que reforçaram a centralidade da mulher no cuidado com os filhos, sobretudo a partir do século XVIII. Discursos que exaltam a dedicação incondicional da mãe foram naturalizados, invisibilizando a rotina exaustiva que acompanha a maternidade e individualizando a responsabilidade pelos cuidados. Esse modelo impacta diretamente as mães de crianças com TEA, especialmente quando a ausência paterna, justificada pela necessidade de prover financeiramente a família, reforça a sobrecarga feminina. Como aponta a autora, essa divisão sexual do trabalho, consolidada pelo casamento, reflete um modelo patriarcal que persiste, colocando a mulher como a principal responsável pelos filhos e pelo cuidado doméstico.

De acordo com Costa e Telles (2017), com base nas contribuições de Carl Rogers (1961/2010), a escuta no contexto clínico deve ocorrer de forma empática e

sem julgamentos. Rogers (1980/1987) enfatiza que "ouvir realmente" as pessoas implica uma escuta profunda, que vai além do que é verbalizado, buscando acessar os significados pessoais presentes nas palavras, nos sentimentos e até nas intenções não ditas do interlocutor.

A escuta qualificada não se limita ao que é explicitamente dito, mas envolve perceber o significado subjacente, que pode estar oculto nas entrelinhas, na tonalidade e nas emoções expressas durante o discurso. A escuta genuína vai além da superfície, buscando compreender o que a pessoa realmente deseja expressar. No contexto de mães de crianças com autismo, essa escuta profunda, empática e sem julgamentos é fundamental para ofertar um espaço de partilha e reflexão das suas vivências, criando um espaço terapêutico sensível aos múltiplos aspectos de suas identidades (Costa; Telles, 2017).

Assim, este estudo justifica-se pela urgência de promover práticas psicológicas que priorizem o acolhimento e a escuta sensível às mães, reconhecendo a complexidade de suas vivências. O objetivo é explorar o papel da escuta psicológica e do acolhimento no cuidado de mães de crianças com autismo, observando de que maneira essas práticas contribuem para o bem-estar emocional dessas mulheres. O foco está em reconhecer a escuta como ferramenta de acolhimento que respeita às subjetividades, questiona normas de gênero e compreende a maternidade como uma das dimensões da identidade feminina.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma revisão bibliográfica qualitativa, que utilizou como fonte de dados artigos sobre o tema. Foi utilizado o método de análise narrativa dos artigos selecionados, com o objetivo de compreender como a escuta psicológica sensível e o acolhimento impactam o cuidado de mães de crianças com autismo. A pesquisa foi realizada nas bases de dados *Scielo* e *Redalyc*, entre janeiro e fevereiro de 2025, utilizando os descritores: "Psicologia AND (acolhimento OR escuta psicológica) AND (mães OR maternidade)" e "Psicologia AND (escuta psicológica OR acolhimento) AND autismo", com o uso de operadores booleanos "AND" para refinar os resultados. Incluíram-se artigos qualitativos, publicados entre 2020 e 2025, que abordam a escuta

psicológica, o acolhimento e a experiência materna no contexto do autismo. Foram excluídos estudos com enfoque quantitativo, centrados apenas na criança ou que não abordassem a maternidade atípica. Na Redalyc, dos 25 artigos encontrados, apenas um atendeu aos critérios após a leitura dos resumos. Na Scielo, foram selecionados dois artigos. Os três textos escolhidos foram lidos integralmente, e as informações pertinentes aos objetivos da pesquisa foram registradas e organizadas para análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela a seguir apresenta uma síntese dos artigos selecionados, com destaque para seus objetivos e as bases de dados de onde foram extraídos.

Tabela 1 - Apresentação dos artigos selecionados.

TÍTULO DO ARTIGO	BASE DE DADOS	OBJETIVOS DO ARTIGO
Revisão Integrativa Sobre A Vivência De Mães De Crianças Com Transtorno De Espectro Autista	REDALYC	O objetivo deste estudo foi identificar na literatura científica a sobrecarga das mães de crianças com TEA e as formas encontradas por elas para lidar com dificuldades cotidianas decorrentes dessa problemática.
Olhar materno: o envolvimento do pai na vida do(a) filho(a) com autismo	SCIELO	Este estudo teve como objetivo conhecer a percepção da mãe sobre o envolvimento do pai na vida do(a) filho(a) que apresenta o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA).
Estresse em Mães com Filhos Diagnosticados com Autismo	SCIELO	O objetivo desta pesquisa é identificar sintomas de estresse manifestados em mães de crianças com TEA, além de verificar prevalência das fases de estresse desenvolvidas nessas mães responsáveis por crianças com autismo.

Fonte: Dados colhidos pelas autoras (2025).

O artigo “Revisão Integrativa sobre a Vivência de Mães de Crianças com Transtorno do Espectro Autista”, de Alinne Souza Pinto e Teresinha Cid Constantinidis (2020), aprofunda-se na experiência de mães de crianças com TEA, destacando a sobrecarga emocional que recai quase exclusivamente sobre as mulheres. As autoras evidenciam que, frequentemente, recai sobre as mães a responsabilidade pelo

cuidado dos filhos com TEA, o que revela a reprodução de papéis tradicionais de gênero e a manutenção de um padrão estrutural de desresponsabilização paterna. A ausência ou atuação secundária da figura paterna, também destacada no artigo, reforça a divisão sexual do trabalho, como problematiza Zanello (2018) ao discutir a naturalização da centralidade feminina nas práticas de cuidado e o consequente apagamento da corresponsabilidade masculina.

Outro estudo relevante para a discussão sobre maternidade atípica e cuidado sensível é o artigo “Olhar materno: o envolvimento do pai na vida do(a) filho(a) com autismo”. O artigo em questão aborda as percepções das mães acerca da presença paterna no cotidiano de cuidado de filhos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa revela que, apesar dos avanços nos debates sobre a divisão de tarefas parentais, o cuidado da criança continua sendo, em grande parte, responsabilidade da mãe.

Constatou-se que as mães entrevistadas nos estudos analisados, relatam não apenas a sobrecarga física e emocional decorrente dessa centralidade no cuidado, mas também sentimentos de solidão, frustração e exaustão diante da ausência ou pouca participação dos pais. Nesse aspecto, a escuta surge como uma ferramenta essencial para reconhecer essas vivências não apenas como consequência de um “destino natural” da maternidade, mas como expressões de uma subjetividade atravessada por gênero, desigualdade e solidão. De acordo com Rogers (1961/2010), citado por Costa e Telles (2017), a escuta empática e profunda permite acessar os significados subjetivos por trás do sofrimento manifestado — o que, no caso dessas mães, possibilita dar espaço para a partilha de dores que muitas vezes não são ouvidas.

Em estudo sobre Estresse em mães com filhos diagnosticados com autismo, Tinoco *et al.* (2022) concluíram que 86% das mães analisadas apresentavam indicadores de estresse, estando 31% delas na fase de exaustão, ou fase 3 de estresse, conforme o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL). Para os autores, a insegurança e a culpa após o diagnóstico de TEA dos filhos podem estar associados aos sintomas de estresse e a quadros depressivos em cuidadores. Sendo a mãe, na grande maioria das vezes, o cuidador mais presente no cotidiano das

crianças com TEA, são elas as mais afetadas pelos efeitos do trabalho de cuidado desafiador que realizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que as mães são as principais responsáveis pelo trabalho do cuidado de filhos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A associação da figura feminina às tarefas de cuidado é resultado da construção histórica dos papéis de gênero na sociedade, sendo necessário o questionamento dessas normas através de práticas que entendam essas mulheres em sua integralidade, sendo a escuta terapêutica uma ferramenta importante nesse processo. A partir da escuta qualificada, é possibilitado a essas mães um espaço seguro de partilha das suas vivências, que não deve ser restrito apenas ao contexto clínico tradicional, mas deve ser estendido aos serviços de saúde e de assistência social. É importante, ainda, associar outras práticas interventivas visando o protagonismo dessas mães, tais como: a implantação de grupos de apoio para a partilha de vivências e o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a garantia de condições de tratamento e de vida adequada, tanto para as crianças com TEA, quanto para as suas cuidadoras. Observou-se, ainda, a necessidade de estudos voltados para o acesso da família aos serviços de saúde oferecidos a crianças com TEA e sobre a rede de apoio e o fortalecimento de vínculos entre essas mães - que promovam espaços de convivência e de autocuidado. Reforça-se, por fim, a necessidade urgente de políticas públicas sensíveis ao gênero, que não apenas ofereçam suporte às crianças com TEA, mas também acolham emocional e socialmente suas principais cuidadoras.

REFERÊNCIAS

COSTA, Breno Augusto da; TELLES, Thabata Castelo Branco. O processo de escuta na redução de danos: contribuições de Rogers e Kierkegaard. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 74-83, abr. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 mar. 2025.

DANZMANN, Pâmela Schultz; LUNARDI, Rosani Viera; SMEHA, Luciane Najar. Olhar materno: o envolvimento do pai na vida do(a) filho(a) com autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 29, 2024. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v29i0.55626>.

PINTO, Alinne Souza; CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid. Revisão integrativa sobre a vivência de mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Psicologia, Saúde & Sociedade**, [S. l.], v. 0, n. 0, 2019. DOI: 10.20435/pssa.v0i0.799.

TINOCO, Verônica Cristina et al. Estresse em mães com filhos diagnosticados com autismo. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 14, n. 4, p. 35-42, 2022. DOI: <https://doi.org/10.20435/pssa.v14i4.2023>.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018. 301 p. illus.

Submetido em: 10/04/2025 | Aceito em: 30/07/2025 | Publicado em: 02/09/2025